Construindo a Sociomuseologia: uma análise das teses defendidas no Doutoramento em Museologia da ULHT (2008-2020)

Angelo R. Biléssimo[1]

Building Sociomuseology: an analysis of the PhD' theses defended in Museology at ULHT (2008-2020)

O objetivo deste artigo é apresentar dados preliminares de uma investigação no âmbito do Doutoramento em Museologia da Universidade Lusófona[2], que busca auxiliar na compreensão dos contributos de teses e dissertações defendidas no Departamento de Museologia da Universidade Lusófona. Esse estudo tem entre as suas preocupações compreender como está sendo estruturada a produção de conhecimento na área da Museologia, a partir das

[1] Historiador, Doutorando em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias.
Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Doutorando em Museologia na ULHT e em História pela Universidade de Lisboa, Mestre em História pela Universidade de Lisboa, Especialista em História militar pela Universidade do Sul de Santa Catarina e com Graduação em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina.
arbilessimo@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-1195-6510
Submetido 06.07.2020, aprovado 30.07.2020
[2] A investigação foi contemplada em 2019 com bolsa integral pela Cátedra UNESCO "Educação, Cidadania e Diversidade Cultural" ULHT, com orientação científica do Prof. Doutor Mário Moutinho.

pesquisas desenvolvidas na ULHT, e a emergência da Escola de Pensamento da Sociomuseologia.

Buscamos assim compreender estes trabalhos enquanto produção de conhecimento, reconhecendo, para tanto, a necessidade de "recorte de um objeto de estudo, uma metodologia específica, algum tipo de busca de informação e um entrecruzamento de ideias conceituais com as informações ou observações realizadas pelo investigador" (Tello, 2013, p. 764). A partir desta aproximação nos parece possível compreender as investigações realizados como parte de uma discussão mais ampla, que ultrapasse o trabalho individual de cada pesquisador. Nosso objetivo é, a partir daí, buscar compreender desafios e possibilidades que essas investigações tem apresentado, a partir de uma perspectiva do desenvolvimento da Sociomuseologia enquanto uma Escola de Pensamento. No presente artigo optamos por analisar as teses defendidas no programa, que estendem-se entre 2008 e 2020. O levantamento das teses foi realizado a partir do ReCil, repositório da ULHT e do arquivo digital e físico do Departamento de Museologia [3], a partir do conteúdo compilado por Mário Moutinho na obra "Sociomuseologia: Ensino e Investigação" (Moutinho, 2019).

No decurso da Museologia a preocupação com a definição de um objeto para a ciência têm sido presente em variados momentos. De todo modo, por suas características, o objeto da Museologia prescinde da Museologia para existir e, mais do que isso, para ter relevância e importância nas relações da sociedade. O contrário, como é de se esperar, não parece ser verdade. Relação semelhante pode ser estabelecida, de forma mais específica, entre a Sociomuseologia e a Museologia Social, a partir do momento em que a Museologia social pode ser estudada e compreendida pela Museologia normativa ou tradicional - embora aí através das concepções e dos pressupostos próprios, muitas vezes não compartilhado pela Museologia Social - enquanto a atuação construída a partir da Sociomuseologia vai, em alguma medida, ser

[3] Disponível em http://www.museologia-portugal.net/projectos-de-investigacao/teses-doutoramento-phd-3o-ciclo-concluidas

sempre construída a partir de esforços de uma Museologia social, mesmo que em contextos dominados por uma concepção normativa de Museologia. Ressalvamos que, apesar de considerar que os contatos e as diferenças entre Museologia Social e Sociomuseologia demandem discussão mais aprofundadas, aqui partimos da concepção de Clóvis Britto, ao dizer que:

> "A Sociomuseologia seria, assim, a Escola de Pensamento que reúne pesquisadores acadêmicos e não acadêmicos cuja 'constelação de compromissos' se debruça sobre as transformações paradigmáticas promovidas pela Museologia Social. A Sociomuseologia se distinguiria da Museologia Social pela ênfase dada na produção epistemológica, o que não significa excluir sua dimensão prática, assim como a Museologia Social consiste em um dos principais laboratórios de saberes que a retroalimentam." (Britto, 2019, p. 104–105)

Compreendendo, assim, a Sociomuseologia como uma Escola de Pensamento que não se limita, mas tem um de seus polos nos programas de mestrado e doutoramento da Universidade Lusófona em Lisboa, nos parece possível caminhar no sentido de uma maior compreensão destes processos a partir da análise dos trabalhos ali desenvolvidos. Nos concentramos, aqui, não em delimitar a área, mas em compreender características, temas e preocupações que unem as variadas iniciativas, o que pode contribuir para compreender as formas pelas quais o campo se estabelece, apontar pontos fracos e fortes e contribuir para seu desenvolvimento e fortalecimento.

> Trata-se de repensar a Sociomuseologia tanto quanto a sua intervenção educativa formal e informal de modo a dar respostas não só aquilo em que acreditamos, mas também poder dar o nosso contributo para o cumprimento das recomendações que a UNESCO lançou de forma global. […] Será a melhor ocasião para trabalhar as Heranças globais e Memórias locais, a ecologia de saberes, a Museologia Decolonial e a afirmação da Sociomuseologia e Museologia social como uma área do saber e do fazer profundamente

> enraizada nas ciências sociais com relevante Função Social para a construção de uma cidadania global localmente comprometida com a justiça cognitiva. (Moutinho, 2019, p. 24)

A atuação da Museologia está permanentemente em relação com as grandes decisões políticas e culturais da sociedade, seja para apoiá-las ou para combate-las, e permeada sempre pela responsabilidade trazida pelas necessidades da seleção. Para compreender sua atuação é necessário, deste modo, perscrutar para além da superfície.

> "As operações de carácter científico ou pedagógico acerca do património são uma meta linguagem, ou seja elas não são capazes de fazer com que o património comunique, são sim capazes de comunicarem sobre ele. Daí que o papel do museu e das políticas patrimoniais deve ser, não apenas o de expor os objetos, a arquitetura e os costumes, mas sim o de tornar inteligíveis as relações entre eles e propor hipóteses sobre os seus significados para os cidadãos que os evocam e/ou os veem." (Primo, 2014, p. 10)

Assim, sob nossa perspectiva, é fundamental realizar alguns questionamento básicos. O que se pesquisa? Quando se pesquisa? Quem pesquisa? Ainda que sejam questões prementes, nossa preocupação no presente esforço se concentra em uma compreensão mais geral.

Aqui é fundamental o reconhecimento da importância e da relevância do musealizar, da transformação do objeto (material ou imaterial) de museável para musealizado. (Britto, 2019, p. 83–84) Não se trata da concepção antes clássica de musealização que retira o objeto de sua função, de sua existência anterior, e o sacraliza enquanto peça de museu. Partimos, antes, da ideia, articulada por Mário Chagas, de 'imaginação museal', referindo-se à "capacidade singular e efetiva de determinados sujeitos articularem no espaço (tridimensional) a narrativa poética das coisas." (Chagas, 2003, p. 64)

Assim, a compreensão dos temas e das manifestações que se tornam objeto do olhar museológico podem nos auxiliar na discussão

de temas mais amplos. Mais do que uma discussão sobre o tema ou o objeto em si, tal aproximação permite compreender dinâmicas e processos sociais de forma mais profunda, para além da manifestação imediata que se analisa.

É sob esta perspectiva que nos parece relevante um olhar sobre as pesquisas desenvolvidas como um conjunto, em especial se adicionarmos à análise a perspectiva cronológica, ainda que seja preciso sempre referir a individualidade de cada investigação. A preocupação com a definição do objeto da Museologia, enquanto ciência, nos parece um dos pontos fundantes da própria história do campo, ainda que sob uma plêiade de interpretações por vezes bastante divergentes.

> "As operações de carácter científico ou pedagógico acerca do património são uma meta linguagem, ou seja elas não são capazes de fazer com que o património comunique, são sim capazes de comunicarem sobre ele. Daí que o papel do museu e das políticas patrimoniais deve ser, não apenas o de expor os objetos, a arquitetura e os costumes, mas sim o de tornar inteligíveis as relações entre eles e propor hipóteses sobre os seus significados para os cidadãos que os evocam e/ou os veem." (Primo, 2014, p. 10)

Waldisa Rússio aponta a importância desse olhar museológico ao realizar seu esforço de uma história – ou, talvez mais apropriadamente, uma pré-história da Museologia, se pudermos superar as imprecisões que a própria ideia de pré-história traz – que aponta para Bel Chalti Nannar na Caldeia do século VI a.C. o primeiro museu que temos conhecimento, embora a própria princesa muito provavelmente não compartilhasse de nossa conceituação. (Guarnieri, 2010, p. 243) [4]

Nem sempre, entretanto, a Museologia teve na preocupação da definição e compreensão de seu objeto um de seus sustentáculos. Muitas vezes, na trajetória das instituições museais, o fazer acaba, na

[4] A autora refere (Gregorová, 1980, p. 19)

prática, a se resumir à execução das tarefas mais óbvias, sem uma busca mais estruturada dos objetivos e das possibilidades de sua atuação. É a tranquilidade de que nos fala Moutinho.

> "Como eram tranquilos os dias, em que sabíamos exatamente o que era um museu e aquilo que não era. Quando os museus serviam apenas para mostrar ou glorificar a história de qualquer coisa, ou quando só mostravam as suas coleções e arquivos, herdados, coletados, comprados, saqueados ou oferecidos. Os Museus eram tranquilos enfrentando apenas os problemas de armazenamento, preservação e eventualmente de documentação." (Moutinho, 2014, p. 3)

A Museologia, alguns setores já por algumas décadas, vem buscando ampliar essa compreensão, alcançando preocupações e objetivos bastante mais complexos. Um dos pontos fundamentais desta viragem é reconhecer a função social que os museus podem assumir em nossa sociedade. A partir desta perspectiva a própria concepção do objeto a que a ciência se dedica é modificada, trazendo para seu bojo discussões antes interditas ou escamoteadas. Essa compreensão, de que o museu é parte da sociedade e que é às suas perguntas que deve respostas, traz um aprofundamento que acaba, ou deveria acabar, por alcançar suas mais diversas atividades. "A organização do museu não pode alienar-se do processo social, como um todo; é esta atitude esquiva de alheamento que o vem condenando, sistematicamente, ao esquecimento." (Rússio, 1977, p. 133) É a viragem de Templo para Fórum, de que nos falava Duncan Cameron, em que o museu assume novas funções a partir do reposicionamento em relação a seus objetivos e possibilidades. (Cameron, 1971) Conforme Primo:

> "No campo museal, a valorização do social mostra-se como forma de supressão de «traumas/recalques culturais», as memórias do social são utilizadas numa perspetiva de transformação de toda a vida presente. Não se trata mais da sistematização estritamente técnica da cultura. Pesquisas e exposições são realizadas a partir do objetivo de tornar atual a vida social, sem perder as suas referências culturais, que é

> aquilo que a caracteriza. O social passa então a ser priorizado em relação aos conteúdos museológicos, às formas de acessibilidade/metodologias de trabalho e destinatários e/ou participantes do processo museológico." (Primo, 2014, p. 9)

A importância das diferentes atividades desempenhadas pelas instituições museais e pelos diversos profissionais que ali desenvolvem suas atividades passa, assim, pela relevância dos temas aos quais se dedicam. É a discussão buscando dar respostas a questões importantes para as comunidades nas quais se insere que, sob certa perspectiva, vai dar sustentação à sua atuação. É sob esta perspectiva que propomos conhecer a produção científica desenvolvida no Curso de Doutoramento em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, reconhecendo seu papel de destaque, junto a outras instituições, na conformação do campo museológico e, de forma especial, da Sociomuseologia enquanto uma Escola de Pensamento.

Registra-se a partir da 1991 as primeiras iniciativas na solidificação da Sociomuseologia, que iriam dar espaço à criação do que é hoje o Departamento de Museologia da ULHT. Passando pelos primeiros programas de pós-graduação em Museologia em outras instituições, até o Mestrado em Museologia a partir de 1999 já na ULHT, chegando ao Doutoramento, aqui nosso interesse, a partir de 2007, tendo sempre a frente um grupo de professores, em sua maioria brasileiros e portugueses, capitaneados pelos professores Mário Moutinho e Judite Primo. Transparece, em todas estas iniciativas, a forte preocupação com a função social dos museus, traço fundante da trajetória da Sociomuseologia, conforme se depreende da análise das propostas curriculares destas iniciativas.

> A criação do Programa de Museologia foi fruto da iniciativa da Professora Judite Primo, por considerar que as problemáticas tratadas no mestrado podiam e deveriam ser objetos de estudos mais aprofundados, tanto quanto se sentia a necessidade de introduzir novas áreas de estudo e de investigação. Por outro lado, o nível de doutoramento também trazia a afirmação da Museologia como área

> específica do conhecimento, não mais dependente, ou subordinada, à história, à antropologia ou qualquer outra área, que na atualidade já não dão conta da complexidade da museologia contemporânea e de sua realidade teórico-epistemológica. (Moutinho, 2019, p. 135)

Nesse sentido, a análise que aqui propomos busca, em alguma medida, mapear esta produção, abrindo caminho para uma compreensão mais abrangente dos trabalhos desenvolvidos sob uma perspectiva de conjunto, buscando enxergar de forma mais completa o desenvolvimento da área. Convém salientarmos que o aqui disposto parte de uma investigação ainda inicial, e busca estabelecer uma base a partir da qual uma análise mais pormenorizada possa ser desenvolvida.

Ainda que outros trabalhos já tenham de alguma forma trabalhado estas relações, poucos buscam discutir de forma analítica, a partir da análise sistemática e/ou cronológica de publicações ou trabalhos desenvolvidos sob esta especialidade. A principal contribuição neste sentido é o artigo publicado em 2016 por Gabriela Figurelli e Mario Moutinho nos Cadernos de Museologia, em que os autores lançam um olhar sobre a produção publicada nos próprios cadernos, entre 1996 e 2012. Ainda que focando trabalhos bastante diferentes do que os que aqui nos interessam e utilizando diferentes categorizações e concepções, pode ser de grande valia compreendermos como estes artigos se conformam, a partir de uma perspectiva temática.



Figura 1: Conteúdos das publicações dos Cadernos de Museologia entre 1996 e 2012. Fonte: (Figurelli & Moutinho, 2016, p. 27–28)

Conforme se depreende do gráfico acima, há uma grande dispersão dos temas tratados. As preocupações apresentadas, entretanto, apontam inequivocamente para a importância da discussão da questão da função social dos museus e do debate do próprio campo de conhecimento, o que é bastante compreensível quando pensamos a função dos Cadernos de Sociomuseologia no esforço de construção de uma Escola de Pensamento, e de sua função na consolidação do próprio campo e do Doutoramento em Museologia da ULHT. Além disso, os trabalhos a serem publicados passam por uma rigorosa seleção, a partir das condições, dos objetivos e das particularidades da publicação, o que aponta para uma preferência na discussão dos temas que a revista reconhece como de relevância, assim como das concepções e preocupações dos profissionais envolvidos na seleção.

Um esforço de análise sobre as teses defendidas

Buscamos, assim, efetuar uma análise sobre as teses defendidas no Doutoramento em Museologia da ULHT. Para o levantamento das informações foram utilizadas três fontes. Em

primeiro lugar o ReCil, repositório da Universidade Lusófona em que ficam armazenadas as produções da universidade. A seguir, o acervo disponibilizado pelo Departamento de Museologia, digitalmente, via o sítio museologia-portugal.net. E, por fim, as teses disponíveis, fisicamente, no arquivo do Departamento de Museologia em Lisboa. A partir destes levantamentos foram localizadas 46 teses. As informações compiladas baseiam-se nos dados disponíveis nas versões encontradas de cada tese, dando-se, quando divergentes, preferência às versões disponíveis no ReCil, na página na Internet do Departamento e no arquivo físico, nesta ordem. Ainda que poucas divergências tenham sido identificadas nas teses disponíveis em mais de um destes locais investigações mais aprofundadas, em especial na documentação relativa às defesas, nos parecem necessárias, ainda que isso não invalide as análises preliminares aqui propostas. A partir destas foi construído um banco de dados, contendo autor, título da tese, ano da defesa, tema e orientadores. As teses disponíveis estão assim distribuídas, em relação ao ano de finalização:

Conforme pode-se observar, há uma média de 3,5 defesas por ano no período, ainda que com grandes variações nas quantidade de cada ano. O que é notável são dois picos de concentração, nos anos de 2011 e 2018, enquanto 2014 é o único ano sem nenhuma defesa. Parece-nos que a data de defesa responde, sobremaneira, à questões individuais de cada trabalho e de cada investigador, que muitas vezes precisam encaixar seus estudos em meio às suas responsabilidades e ocupações já estabelecidas. Talvez questões conjunturais como a crise econômica que atingiu Portugal entre 2010 e 2014 e o Brasil a partir de 2013 tenham grande relevância. Convém ainda lembrar que a elaboração da tese leva geralmente em torno de 3 ou 4 anos, por vezes mais, o que leva a que algumas questões demorem período semelhante a poder ser percebidas quando se examina esta questão.



Figura 2: Teses defendidas por ano

É preciso destacar, ainda, que as duas defesas do ano de 2020 se deram em janeiro, não entrando no presente estudo as teses defendidas posteriormente. Vale ressaltar o perfil dos investigadores, entre os quais localizamos 14 homens e 32 mulheres, de modo que estas representam quase 70% dos trabalhos defendidos. Uma análise mais aprofundada deste perfil pode trazer informações bastante relevantes, e espera que tal possa ser realizado no futuro.

Ao longo do período que aqui discutimos 17 professores orientaram trabalhos defendidos no programa, o que aponta para uma média de apenas 2,7 trabalhos orientados por cada profissional. Essa média, entretanto, pouco significa, uma vez que há uma grande concentração nas orientações. Para o efeito da presente investigação não diferenciamos, o que acompanha a posição do próprio departamento, entre orientadores e coorientadores, de modo que a quantidade de orientadores é maior que a de trabalhos defendidos, pois são somados trabalhos com dois orientadores. Esse é o caso de 7 das teses analisadas.

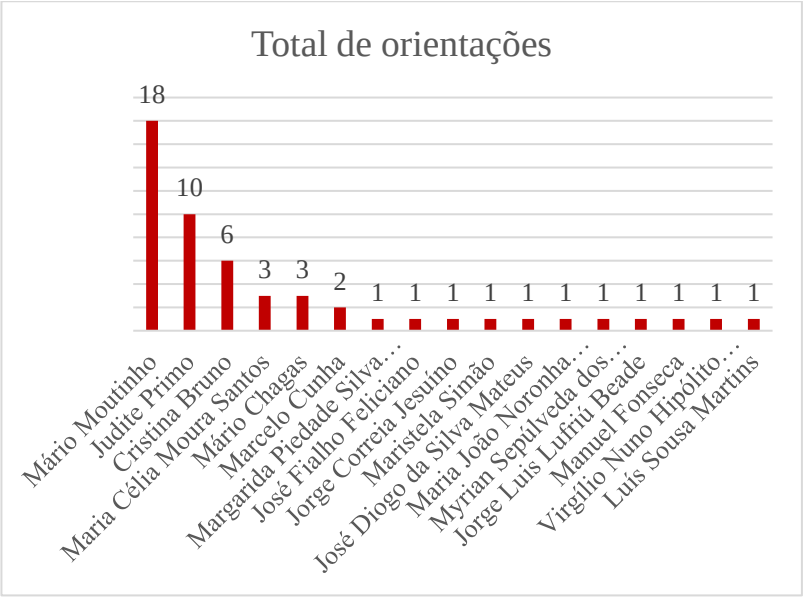


Figura 3: Total de orientações por orientador

Como era esperado, uma vez que ambos se mantiveram desde os primórdios do curso de doutoramento como professores da Universidade Lusófona, enquanto os demais são, em sua maioria, professores de outras instituições, há uma forte concentração de orientações nos professores Mário Moutinho e Judite Primo, que juntos somam pouco mais de metade das orientações realizadas.

Para além da importância da Professora Cristina Bruno no início da trajetória do programa, pouco podemos afirmar a partir da análise da trajetória das orientações. Acreditamos que a definição do orientador, em especial nos programa que, como o Doutoramento em Museologia da ULHT, dão grande importância à opinião dos orientandos na definição dos orientadores, tais questões respondem mais às questões específicas de cada caso, além de ligações de afinidade, seja temática seja pessoal, assim como das experiências profissionais e acadêmicas de cada orientador científico.

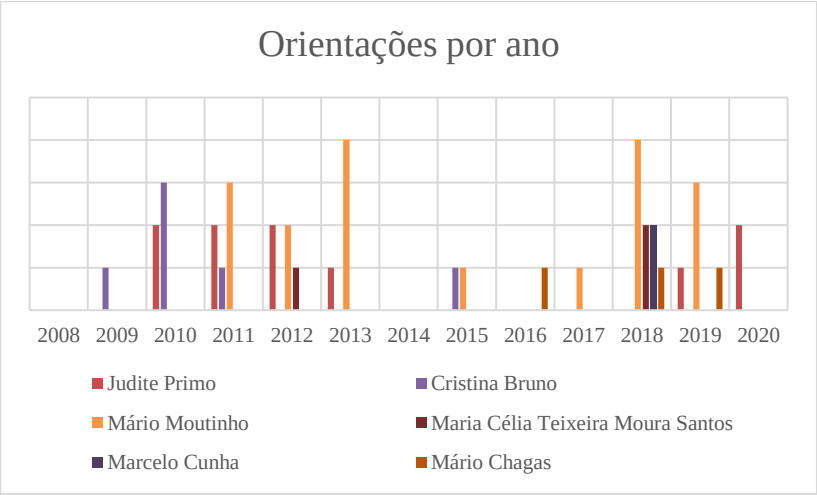


Figura 4: Orientações por ano, entre os orientadores com duas ou mais orientações

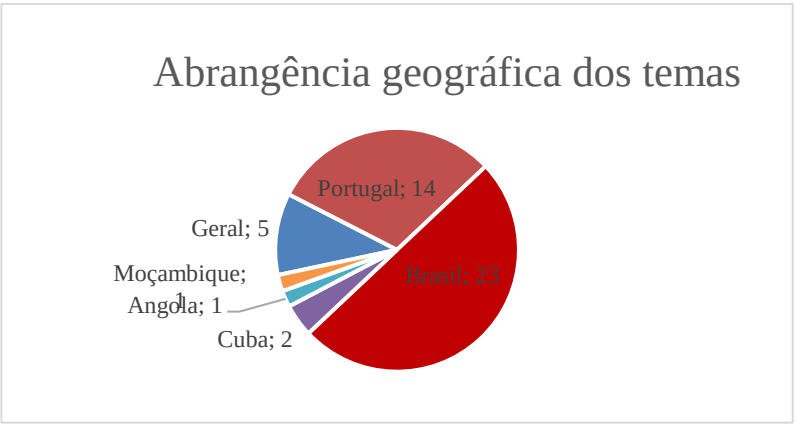


Figura 5: Abrangência geográfica dos temas.

Mais informações, no entanto, pode nos dar a análise dos temas desenvolvidos pelas investigações. Em um primeiro momento, procuramos conhecer a que área geográfica a pesquisa se referia. Analisando as 46 teses defendidas, alguns pontos chamam a atenção.

Em primeiro lugar, metade das teses refere-se a temas que tem como abrangência geográfica o Brasil, enquanto 14 referem-se a Portugal. Ainda que não tenhamos tido condições, no presente estudo, de nos aprofundarmos sobre a origem de cada um dos pesquisadores, nos parece claro que as escolhas dos temas das teses refletem, em grande medida, essas origens.

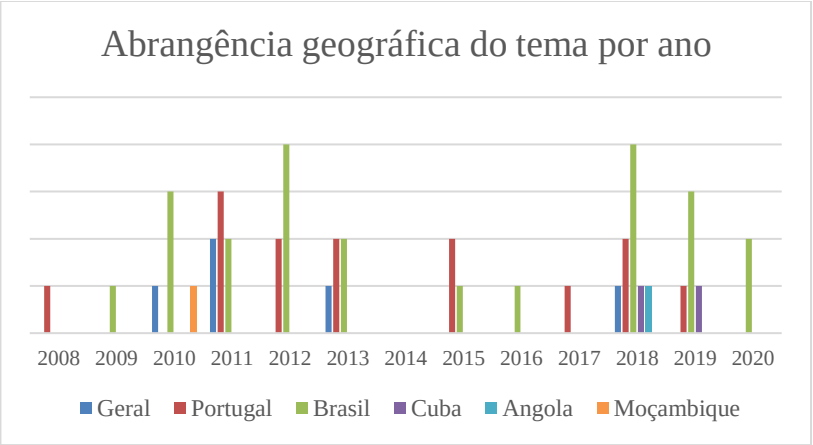


Figura 6: Abrangência geográfica dos temas por ano de defesa.

A distribuição ao longo do tempo nos mostra uma uniformidade maior das teses sobre Portugal do que aqueles referentes ao Brasil, que parecem se concentrar de forma mais perceptível. Talvez as dificuldades da distância transatlântica tenham influência nessa concentração, fazendo com que investigadores portugueses, que, acreditamos, via de regra, têm mais proximidade, ao menos geográfica, com a universidade em Lisboa, estejam menos sujeitos à variação das contingências que afetam o caminho de todos os pesquisadores.

Para além de Portugal e Brasil há a ocorrência de temas relativos a dois países africanos, ambos com língua oficial portuguesa: Moçambique e Angola. Isso, ainda que esses trabalhos representem pouco quantitativamente, em relação ao total de teses

defendidas, fortalece o caráter lusófono do programa, refletindo a preocupação expressa no próprio nome da universidade em que se desenvolve.

Apenas Cuba, fora da lusofonia, teve presença entre os temas, com duas ocorrências, em 2018 e 2019. Estes trabalhos, desenvolvidos em grande parte concomitantemente, não nos parecem apontar uma tendência, mas sim responder a contingências específicas. Apontam, por outro lado, para a possibilidade de ampliação do espectro geográfico das investigações desenvolvidas, e para a vocação de internacionalização que marca o programa.

Essa definição da abrangência de cada tema, construída na presente pesquisa, deriva de nossa análise. Ainda assim algumas teses não são construídas a partir desta perspectiva territorial, mas tratam de temas mais amplos, que aqui caracterizamos como gerais. Ainda que tal seja espectável, afinal, ainda que Nação e Estado sejam conceitos tradicionalmente atrelados à construção e desenvolvimento da área, em especial das grandes instituições museais, a Museologia não se diferencia a partir das fronteiras instituídas, sendo, em muitos aspectos, muito mais transversal. Pudemos perceber, neste sentido, uma concentração maior de temas 'Gerais' nos primeiros anos, com quatro das cinco ocorrências se dando em 2013 ou antes. Tal constatação pode apontar para uma maior especificação dos temas, uma fragmentação no decorrer do período pesquisado, ainda que investigações mais pormenorizadas sejam necessárias neste campo.

Aprofundando, dentro do escopo possível ao presente estudo, a discussão sobre os temas desenvolvidos, buscamos compreender de forma mais estruturada os temas investigados. Para tanto, a partir das linhas de pesquisa atuais[5] do Doutoramento, estabelecemos seis

[5] De acordo com o disposto em <http://www.museologia-portugal.net/apresentacao/strategic-research-plan-2015-2020-sociomuseology> essas linhas são:
- Sociomuseologia, Patrimônio e Desenvolvimento
- Sociomuseologia, Direitos Humanos e Globalização

categorias, em que buscamos agregar os temas. Convém ressaltar que se trata de uma organização realizada *a posteriori*, no âmbito deste estudo, apenas como uma forma de nos auxiliar a compreender de forma ampla e processual as relações entre os temas desenvolvidos, e não de classificação realizada pelos autores. Assim as categorias utilizadas foram:

	Trabalhos sobre teoria museológica, história da Museologia, tipologias de museus e as relações da Museologia e da Sociomuseologia com outros campos e com as demais ciências.
Patrimônio, direitos humanos e políticas públicas	Trabalhos que tratam de conceitos mais amplos ou estruturantes, como identidade, gênero, memória, patrimônio e poder e resistência, assim como das relações destes temas com os direitos individuais e coletivos, políticas públicas, atuação das esferas governamentais, além de suas implicações nas discussões em questões de ética, representatividade e compromisso.
Educação	Análises da atuação e do caminho histórico do papel da ação educativa e das interseções entre Museologia e educação, assim como da atuação educacional dos museus e suas interações com instituições educativas formais e não-formais e do papel do fazer museológico nos processos públicos de educação.
Museografia, expografia e tecnologias aplicadas	Discussões sobre expografia e museografia, novas tecnologias e sobre o uso destas tecnologias no fazer museológico. Exploração de novos conceitos e possibilidades de aplicação técnica de conhecimentos e inovações, como preocupações energéticas e tecnologias de comunicação e informação.
Gestão museológica e estudos de caso	Estudos em torno da museografia e da atuação das instituições museais como prestadoras de serviços. Gestão museológica, diagnóstico e avaliação, marketing, estudos de público, redes de museus e outros debates centrados na atuação específicas de museus, assim como discussões sobre a gestão das instituições. Inclui também análises de museus ou coleções específicas.
Infraestrutura, arquitetura e relações com o território	Trabalhos sobre as infraestruturas necessárias às práticas museológicas, como arquitetura, design, turismo e a interação das instituições com o espaço urbano que lhe abriga, assim como questões mais amplas, como preocupações ambientais e interação com o território. Também debates sobre o reconhecimento, inventariação e preservação do patrimônio material e imaterial.

Tabela 1: Categorias utilizadas para a classificação das teses

- Museologia e Educação
- Museologia, Expografia e Tecnologias
- Museus e ciências de serviço
- Museus, Engenharia, Arquitetura, Território e Design

Essa categorização aponta para uma distribuição bastante equitativa dos temas desenvolvidos, em que as diferentes categorias são representadas. Ainda que varie, nenhuma das categorias fica abaixo do 9% ou acima dos 28% do total.

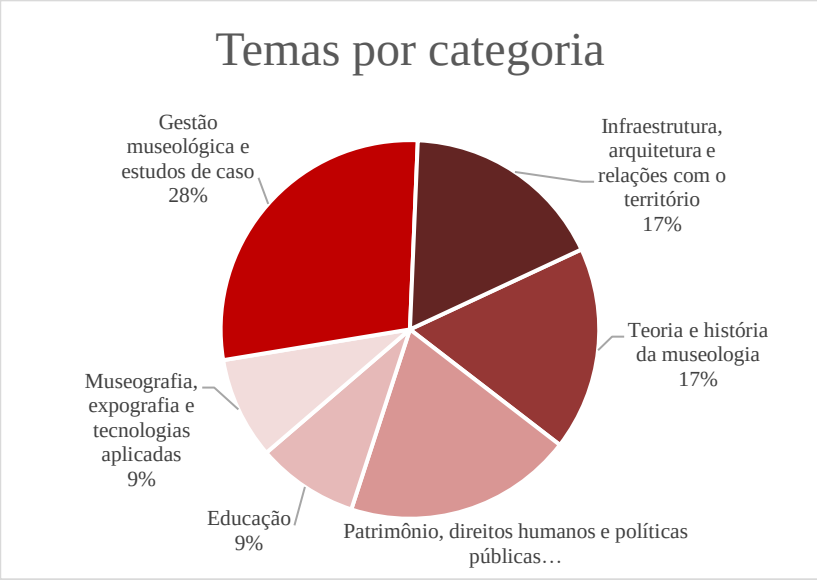


Figura 7: Temas por categoria.

Mais uma vez apontamos para a liberdade de escolha dos temas e como estes parecem responder mais a questões dos próprios pesquisadores do que do programa ou do corpo docente. Ainda que essa característica possa dificultar o estabelecimento de linhas mais consistentes de pesquisa dentro do doutoramento, acreditamos que, por outro lado, torna o programa mais permeável a novas questões, e às discussões em voga no campo.



Figura 8: Temas por categorias a cada ano.

Ao analisarmos essa distribuição ao longo do tempo, também não nos parece haver padrões facilmente discerníveis. A exceção talvez seja da categoria "Infraestrutura, arquitetura e relações com o território", que apresenta uma concentração perceptível nos primeiros anos investigados, com 7 das 8 teses sob esta categoria defendidas até 2012. Tal talvez se deva à própria consolidação da Sociomuseologia e de suas preocupações no decorrer do tempo, que poderia atrair investigações mais concentradas no campo e afastar um pouco outras áreas que, nos primeiros anos nos parecem mais próxima, como o Urbanismo.

Considerações finais

Ainda que tratemos, aqui, de uma pesquisa bastante inicial, conforme referimos, alguns cenários se destacam, ao analisarmos essa produção. Parece-nos que os trabalhos defendidos dentro do Curso de Doutoramento em Museologia da Universidade Lusófona respondem, em primeiro lugar, às necessidades e indagações dos próprios investigadores, mais do que a um desenvolvimento

centralizado de temas. Ainda assim é possível perceber que, mesmo que análises mais pormenorizadas dos conteúdos das obras sejam necessários, o desenvolvimento de tais pesquisas aponta para algumas preocupações centrais, aquilo que Clóvis Brito chamou de 'Constelação de Compromissos', aqui solidificadas nas categorias proposta de aglutinação das teses defendidas: Teoria e história da Museologia; Patrimônio, direitos humanos e políticas públicas; Educação; Museografia, expografia e tecnologias aplicadas; Gestão museológica e estudos de caso; Infraestrutura, arquitetura e relações com o território. Já podemos, assim, vislumbrar aquilo que Mário Moutinho já identificara como

> "uma museologia que se embasa em três encaminhamentos: uma museologia para a vida, ou seja, uma museologia como ferramenta de libertação, pessoal e coletiva; uma museologia como ferramenta de construção da justiça cognitiva; e uma museologia como proposta de uma poética criativa". (Moutinho, 2019, p. 19)

A análise do tema aqui proposto é, sem dúvidas, mais complexa. Essa aproximação e as preocupações similares não parecem refletir em uma interpretação monolítica entre as investigações, pelo contrário, essa variedade de temas, observados através dos pressupostos desta Escola de Pensamento, leva a interpretações variadas, ainda que, no mais das vezes, não conflitantes. A análise também lança a luz a interdisciplinaridade como um referência fundamental, pois a variedade não se limita aos temas, mas estende-se também às formações e origens dos pesquisadores. Acreditamos que, para avançar nas respostas aos questionamentos que aqui propomos é necessário a análise das origens e trajetórias destes pesquisadores, no sentido de compreender como essa interdisciplinaridade atua para a construção destes trabalhos, consolidados em uma compreensão museológica. É preciso, para aprofundar a compreensão desta trajetória refletir a historicidade de cada trabalho. Um ponto que nos parece relevante é discutir as imbricações das investigações com as políticas públicas

adotadas nos espaços territoriais investigados, buscando perceber tanto a forma como as pesquisas subsidiam e impactam a elaboração desta políticas como também a forma que são por ela influenciadas, não só na perspectiva acadêmica como também de possiblidade e interesse de acesso.

Ainda que as discussões que aqui propomos, no presente e para o futuro, nos pareçam essenciais, um outro ponto precisa ser ressaltado. Se concordamos com Clóvis Britto em relação à existência de uma 'constelação de compromissos' que marca a Sociomuseologia, é preciso também trazer a discussão sua interpretação da Museologia como uma disciplina 'indisciplinada', não só como descrição da área mas, ainda, como objetivo a ser alcançado. (Britto, 2019)

Analisar o conjunto das investigações, desta forma, pode contribuir sobremaneira para a compreensão que temos destas questões, tanto de sua conformação hoje como de seu desenvolvimento até aqui. Isso não pode, de todo modo, desviar nossa compreensão de que cada um dos trabalhos analisados é única, e que a Sociomuseologia parece ter, justamente aí, grande parte de sua força enquanto Escola de Pensamento.

Referências

BRITTO, C. C. (2019). "Nossa maçã é que come Eva": A poética de Manoel de Barros e os lugares epistêmicos das Museologias Indisciplinadas no Brasil [Tese de Doutoramento em Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias]. http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/9533

CAMERON, D. F. (1971). The Museum, a Temple or the Forum. Curator: The Museum Journal, 14(1), 11–24. https://doi.org/10.1111/j.2151-6952.1971.tb00416.x

CHAGAS, M. (2003). Imaginação Museal: Museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro [Tese de

Doutorado em Ciências Sociais]. Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

FIGURELLI, G., & MOUTINHO, M. (2016). Os Cadernos de Sociomuseologia 1993-2012: Da nova museologia à sociomuseologia. Cadernos de Sociomuseologia, 51(7). http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/5490

GREGOROVÁ, A. (1980). Muséologie: Science ou seulement travail pratique du musée? MuWoP, 1.

GUARNIERI, W. R. C. (2010). Museu, Museologia, museólogos e formação. In M. C. O. Bruno, Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: Textos e contextos de uma trajetória profissional. Pinacoteca do Estado de São Paulo; Secretaria de Estado da Cultura; Comitê Brasileiro do ICOM.

MOUTINHO, M. (2014). Entre os museus de Foucault e os museus complexos. Revista Musas.

MOUTINHO, M. (2019). Sociomuseologia: Ensino e investigação. 1991-2018, Repositório documental anotado.

Primo, J. (2014). O social como objecto da museologia. Cadernos de Sociomuseologia, 47, 5–28.

RÚSSIO, W. (1977). Museu, um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento [Dissertação de Mestrado]. FESP.

TELLO, C. G. (2013). La producción de conocimiento en política educacional: Entre los nuevos modos de producción de conocimiento y el EEPE. Revista Diálogo Educacional, 13(39), 749. https://doi.org/10.7213/dialogo.educ.10212